

São Luiz do Paraitinga “Vento e Cor”

Uma cidade cheia de luz / Fotos e texto: Luciano Coca



Vestida com chita de cortes tropicais de flores amarelas e vermelhas, a morena menina serpenteia entre os paralelepípedos da ladeira e, por entre casinhas azuis, laranjas e roxas, abre um branco sorriso e fecha os verdes olhos ao sentir que as fitas de cores rosa e violeta, que enfeitam a tiara em sua cabeça, voam embaladas por ventos vindos da Serra do Quebra-Cangalha e do topo da Serra do Mar, que bailam por entre seus cabelos e depois, numa manobra que só a poesia dos ventos é capaz, entram nas casas fechando, refrescantemente, outros olhos em outras varandas, e saem pelas janelas balançando para a rua as cortinas feitas de chitas multicoloridas, numa bela dança de simplicidade surreal.

Não, não é um delirante sonho. É apenas uma colorida e corriqueira cena da tranquila cidade de São Luiz do Paraitinga, no Vale do Paraíba, interior de São Paulo. “Ah! São Luiz é o município em que ocorreu aquela inundação, que a igreja caiu? E...”. Sim, sim, é esse mesmo. Mas isso são, literalmente, águas passadas! A inundação agora é de cores. As certezas pinceladas em cada casa da imperial cidade têm o esmero de quem sabe o valor daquilo que o dinheiro não compra. Em cada esquina, em cada restaurante, em cada conversa formal ou informal, o tom da prosa entre seus moradores é sempre o mesmo: o ressurgimento da vida.





E os turistas desfrutam de um sentimento singular: de recuperar algo que, na verdade, não foi perdido. Caminhar pelas históricas e coloridas ruas de Paratinga é namorar a vida. É deixar o tempo passar e seguir seu caminho em paz. É andar de braços dados com a doce harmonia de uma noite interiorana.

É entender que a luz da lua ilumina bem mais do que os caminhos que conseguimos enxergar. E que os sons que brotam de um violão não são só acordes, mas também um acordo, um pacto entre a lucidez e a ilusão.

Esse cenário de beleza singular e de pluralidade de cores pode ser apreciado tanto em um dia comum ou em um dos muitos dias de festas sagradas e profanas em que o povo luizense canta, reza, dança e agradece. O mês de maio apresenta, além do céu azulado e um horizonte de aquarela magistral, a divina Festa do Divino. Missas, procissões, folias, congadas e moçambiques, cada qual ao seu tom, dançam e cantam com aqueles que "acreditam nas coisas do céu". As cores da cidade rezam durante dez dias de uma das festas mais tradicionais do estado de São Paulo No fevereiro mês, um aviso: sintonize sua alma na boca do povo em cada esquina, em cada beco, em cada ladeira. A FM é o coração. Pois os sucessos que tocam no carnaval local só podem ser ouvidos com rádios e televisões desligados. Na terra das marchinhas o pessoal dessas bandas compõe, canta e dança suas próprias músicas. Não tem "jabá". Tem uma "amora em flor", como canta o bloco Juca Teles. A maioria faz suas próprias roupas de chita ou retalhos. A essa altura, e com a tonturinha da aguardente, que também é local, já não se sabe mais o que é cor, quem sou eu, quem é você... é tudo do "Balaco Baco, Baco, Baco..."

